



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 3

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
CAPÍTULO 2	10
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
CAPÍTULO 3	23
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
CAPÍTULO 4	35
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolara	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
CAPÍTULO 6	61
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
CAPÍTULO 7	74
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
CAPÍTULO 8	85
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

CAPÍTULO 9	95
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0551909109	
CAPÍTULO 10	102
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
DOI 10.22533/at.ed.05519091010	
CAPÍTULO 11	110
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091011	
CAPÍTULO 12	120
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05519091012	
CAPÍTULO 13	134
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.05519091013	
CAPÍTULO 14	145
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091014	
CAPÍTULO 15	157
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.05519091015	
CAPÍTULO 16	165
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.05519091016	

CAPÍTULO 17	181
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05519091017	
CAPÍTULO 18	190
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091018	
CAPÍTULO 19	200
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.05519091019	
CAPÍTULO 20	210
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.05519091020	
CAPÍTULO 21	220
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05519091021	
CAPÍTULO 22	231
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05519091022	
CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05519091023	
CAPÍTULO 24	249
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
DOI 10.22533/at.ed.05519091024	

CAPÍTULO 25	259
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
CAPÍTULO 26	274
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
CAPÍTULO 27	287
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
CAPÍTULO 28	296
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS

Denise Pereira da Silva

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana - Bahia

RESUMO: As pinturas rupestres são antigos registros da história humana feitos a partir da imagem. A ciência tem indícios de que o homem, já no período da pré-história, fazia uso da imagem para registrar seu cotidiano, ou como simples meio de se comunicar. Das primeiras figuras feitas nas cavernas até os engenhosos comerciais exibidos nas tvs, revistas, jornais e internet, a imagem sempre esteve presente. Diante dessa visibilidade não haveria como esquecer-la ou ocultá-la nas verificações de aprendizagem, nas provas, exames escolares, concursos ou seleções. A grande questão é, desde os primórdios se discute o conceito, função e validade da imagem, seja ela pictórica ou escultural, e mesmo estando presente a todo momento, em todos os lugares, na condição de texto, que é, e que decodificamos muitas vezes de forma instantânea ou intuitiva, ainda assim não se tem atribuído a essa grande importância quando se trata das variadas modalidades avaliativas. Assim, nosso objetivo com o presente trabalho é suscitar reflexões a respeito do uso feito das imagens dentro das avaliações, e a forma de averiguar o grau de compreensão e entendimento a partir da interpretação dos

vários tipos de imagens que costumeiramente são utilizadas nos exames escolares, nas provas seletivas, nos vestibulares, nos concursos e no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Para tanto, discutiremos o conceito de dois tipos de instrumento avaliativo, relacionando-os com propostas de uso da imagem, tomando como base o método iconográfico/iconológico de Panofsky, o qual servirá de apoio nas reflexões sobre os procedimentos indispensáveis quando da elaboração de questões que envolvam imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Panofsky. Iconografia, exame. Avaliação

BRIEF REFLECTION ON THE USE OF IMAGES IN THE EVALUATION PROCESSES

ABSTRACT: The cave paintings are ancient records of human history made from the image. Science has indications that man, already in the period of prehistory, used the image to record his daily life, or as a simple means of communication. From the first figures made in the caves to the ingenious commercials shown on TVs, magazines, newspapers and the internet, the image was always present. In the face of this visibility there would be no way to forget it or hide it in learning checks, tests, school exams, contests or selections. The great

question is, from the beginning, the concept, function and validity of the image, whether pictorial or sculptural, is discussed, and even if present at all times, everywhere, in the condition of text, which is, and that decode many intuitive, yet it has not been attributed to this great importance when it comes to the varied evaluative modalities. Thus, our objective with the present work is to elicit reflections about the use made of the images within the evaluations, and the way of ascertaining the degree of understanding and understanding from the interpretation of the various types of images that are usually used in the school exams, in the selective exams, in the vestibular, in the contests and in the Enem (National Exam of the High School). In order to do so, we will discuss the concept of two types of evaluative instrument, relating them to proposals for using the image, based on the iconographic / iconological method of Panofsky, which will serve as a support in the reflections on the indispensable procedures when elaborating questions involving images.

KEYWORDS: Panofsky. Iconography, examination. Evaluation

INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da dissertação de mestrado, do programa stricto sensu em Desenho, Cultura e Interatividade, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), cujo título é “**As imagens presentes nas questões de língua espanhola do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**”, onde investigamos a presença e uso das imagens nas avaliações do Enem, do período de 2010 a 2016, especificamente nas questões de língua espanhola.

Percebe-se que as imagens começam a ter lugar de destaque nos processos avaliativos, e enfim se começa a entender que ao estar perante uma imagem se está diante de um texto, tão complexo, por vezes, quanto as mais bem elaboradas metáforas dos grandes autores da literatura universal.

As avaliações, exames, provas, seja que instrumento avaliativo for, inclusive o Enem, bem como os materiais didáticos em geral, têm feito uso bastante efetivo das imagens, lembrando que estas estão presentes desde a pré-história, supondo-se, inclusive, que já naquela época eram utilizadas como meio de comunicação ou como forma de registrar o cotidiano. E hoje, mais que nunca, vivemos bombardeados por sua presença a todo momento.

Diante de toda esta visualidade da imagem não seria possível subtraí-la, ou negar sua presença nos processos avaliativos. Assim, fomos averiguar como a imagem tem sido tratada no Enem, já que esse exame é feito em todo território nacional, institucionalizado pelo Governo Federal e possui um documento norteador, a Matriz de referência, a qual tem por função estabelecer as competências e habilidades que deverão ser examinadas no processo.

Para entender e analisar o uso e emprego das imagens no Enem, lançamos mão do método de Panofsky, que está pautado sob uma rigorosa metodologia,

especialmente no campo da iconografia e da iconologia. A proposta de Panofsky baseia-se na interpretação dos objetos artísticos, arquitetura, pintura ou escultura, a partir da decomposição das imagens e reconstrução de seus percursos no tempo e no espaço (PIFANO, 2010).

Para tanto, o método é dividido em três níveis: o primeiro é o tema primário ou natural, o segundo tema secundário ou convencional e o terceiro do significado intrínseco ou conteúdo. Devido a seu caráter bastante didático, Panofsky possibilita não apenas a interpretação dos itens em que a imagem foi utilizada, mas também aponta caminhos para a elaboração de questões onde o texto imagético, ou o misto, estejam presentes.

A metodologia que empregamos neste trabalho consistiu em um estudo sobre os conceitos de imagem, e sua presença nos instrumentos de avaliação, para o qual tomamos como base o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por seu caráter nacional e por possuir diretrizes nomeadas de Matrizes de Referência. A fim de sermos ainda mais específicos nos detivemos nas questões do Enem relacionadas ao exame de espanhol, de 2010 a 2016, as avaliações da 1ª aplicação, considerando para tanto as determinações da Matriz de Referência, analisando o que, e como, efetivamente foram cobradas as questões que envolviam o uso de imagens.

O emprego da iconologia para análise dessas imagens visa comprovar que por meio desse método poderão ser elaboradas questões que possibilitem e incentivem a autonomia dos candidatos, bem como calibrar o grau de dificuldade da questão, tal qual sugere o Enem, ou seja, itens fáceis, intermediários e difíceis.

A IMAGEM - O TEXTO FALA, COM OU SEM PALAVRAS

A proposta de investigar o uso, aplicação e compreensão da imagem nas avaliações do Enem deu-se em função de uma constatação irrefutável, a imagem é presença constante, não apenas nesse exame, mas em grande parte dos instrumentos de avaliação, utilizados com os mais diversos fins, sejam as avaliações regulares ou as provas de seleção, como o vestibular, concurso público e o próprio Enem.

Tal comprovação desencadeou o desejo de entender e estabelecer estratégias e mecanismos que pudessem ser aplicados a fim de que a imagem, dentro dos processos avaliativos, não fosse tomada apenas como um adorno, um elemento supérfluo, mas sim um texto carregado de significados e intenções, que se faz valer dos traços, pontos, cores, luz, movimento.

Sabemos ainda que a escolha pelo tipo de imagem, ou seja, o uso de uma fotografia, charge, tira, cartaz, letreiro, placa, gravura, grafite, pintura, ou mesmo o cinema, o teatro, a escultura, quaisquer que sejam as manifestações visuais, implica uma atitude política carregada de toda uma intencionalidade. Vivemos na era visual, sendo envoltos nas imagens do acordar ao dormir. Essas imagens surgem através de TV, jornais, outdoors, placas, propagandas, folhetos e outras mídias; mais que

nunca vivemos o tempo da imagem.

Assim, sendo a imagem um importante recurso para a transmissão de ideias, e sentimentos, negá-la ou abstrair-se da necessidade de saber ler, compreender e interpretá-la significa colocar-se aquém da realidade.

O processo de percepção da imagem, que possibilitará a posteriori sua leitura, ou seja, a interpretação desta, não se dá, de acordo com Aumont (1993, p. 60), olhando as imagens de modo global, de uma vez, mas por fixações sucessivas, e tais fixações se darão em maior grau diante das partes da imagem das quais se tinham maiores informações, ou seja, as trajetórias de exploração da imagem pelo olho são aleatórias, entretanto, o olhar será conduzido em função das informações que se tenha a respeito da imagem. Dessa forma o enunciado figurará como uma ordem, e “o olhar informado se deslocará de outro modo no campo que explora” (AUMONT, 1993, p.61).

A colocação de Aumont é muito importante, principalmente quando se pensa em avaliações cuja presença da imagem é uma constante, pois ele esclarece como se dá a visão da imagem, e mais, a importância de instruir ao olhar sobre o que deverá ser explorado na “cena visual”, o olhar de quem a explora não deverá ser inocente, mas sim bem informado, o que nas questões avaliativas se dará por meio dos enunciados dessas questões.

Entretanto, o correto direcionamento ou a justa instrução presente nos enunciados das questões de nada valerá se diante da imagem a ser lida nos portamos como espectadores cujos olhos estão vendados pelo lenço da ignorância, do despreparo, do analfabetismo visual, e essa condição poderá ser mudada por meio da arte, já que

A Arte é uma área do saber necessária à organização de situações de aprendizagem tanto formais como não-formais. Desenvolve a percepção, dá-nos o poder de distinguir as formas, as cores, de perceber a composição de uma obra, de identificá-la, de analisar com sentido crítico o que está representado e de agir plasticamente. Desta forma estrutura-se o pensamento. É esta a intencionalidade das disciplinas de expressão artística (EVT e EV). **cadernos pedagógicos do centro de formação de associação de escolas dos concelhos de ilhavo, Vagos e Oliveira do Bairro**,2013, materiais didáticos para educação visual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’S) elencaram dez objetivos relacionados a Arte, um em especial faz menção ao uso das várias formas de linguagem, inclusive a imagética

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (Brasil,1998)

Desse modo é possível afirmar que os Parâmetros Curriculares Nacionais abrem espaço para a implementação da área de Educação Visual, que por seu caráter transversal e interdisciplinar possui conteúdo flexível. Entretanto, fazem-se necessárias políticas públicas que visem garantir a formação e capacitação docente,

objetivando a efetiva existência na escola dessa área, que dialoga com outras áreas e disciplinas, trazendo para o âmbito do estudo da visualidade conhecimentos de múltiplos campos, com o objetivo de formar cidadãos críticos, reflexivos e capazes de identificar e respeitar as várias culturas, valorizando, assim, também, a sua própria cultura.

Tal como a palavra, a imagem poderá ser esse veículo que suscita a reflexão, a compreensão e a mudança ou manutenção de paradigmas, mas para tanto se faz necessário aprender a ler seus sinais, por isso deve-se defender a indiscutível necessidade do estudo sistemático da imagem, a chamada educação visual, a qual consiste na capacidade de entender o que está sendo visto em uma imagem, incluindo certas convenções, como ocorre com as placas de sinalização.

A imagem é, pois, um importante recurso visual, apresentando-se como texto ou colaborando para a compreensibilidade de textos verbais, desempenhando também um papel de relevância para a concepção da ideia e a sua conceptualização. Tendo em vista a sua presença constante no mundo contemporâneo, diversos campos da ciência, como a psicologia cognitiva, a semiótica social, os estudos sociais, entre outros, têm se debruçado sobre o estudo dessa, com o objetivo de entender as relações entre imagens, conhecimento científico e ensino. A esses interesses acrescentamos o estudo do uso que tem sido feito das imagens enquanto texto, ou como coparticipantes nos textos mistos, dentro das avaliações, especificamente nos itens, ou questões de língua espanhola, que compõem o Enem.

Tudo é imagem: o pensamento, a memória, as lembranças, o mundo real. O real e o irreal, ou melhor, o material e o não-material – quem diz que nossas lembranças não são reais? Se não o são, então não são lembranças, são fantasias – mas estas também são imagens. A fantasia é algo que esconde, mascara, não nos deixando ver completamente, é uma ilusão.

QUAL O PAPEL DAS IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS?

As avaliações, exames, provas, seja que instrumento avaliativo for, têm feito uso bastante efetivo das imagens; para exemplificá-lo, tomamos por empréstimo a afirmação de Paiva (2006, p. 17), quando se refere ao uso iconográfico feito pelos historiadores, em que afirma:

Já não as tomamos como simples “ilustrações”, “figuras”, “gravuras”, e “desenhos”, que servem para deixar o texto mais colorido, menos pesado e mais chamativo para o pequeno leitor ou mesmo o adulto.

Verdade, as imagens começam a ter lugar de destaque nos processos avaliativos, finalmente começamos a entender que ao nos depararmos com uma imagem estamos diante de um texto, que suscita uma interpretação. Para Sontag (1987, p.14)

A tarefa da interpretação é praticamente uma tarefa de tradução, (...), compreender é interpretar. E interpretar é reafirmar o fenômeno, de fato, descobrir um equivalente adequado. Portanto, a interpretação não é (como supõem muitos) um valor absoluto.

Logo, não é possível que se elaborem avaliações onde seja proposto ao candidato o reconhecimento de uma alternativa, como única opção assertiva.

Na verdade o que se tem buscado nos processos avaliativos é restringir e universalizar as leituras de mundo, é como se a proposta subjacente em cada avaliação fosse a de legitimar a necessidade de massificação do que há de mais pessoal, singular, único: a capacidade de ver o mundo a partir de suas próprias experiências, visões e conceitos, nos parece que já não há espaço para o pensar e ser único.

O texto, seja ele literário ou imagético, deverá ter por finalidade ampliar a percepção de quem a ele foi exposto, não enjaular sua sensibilidade até reduzi-la à mediocridade, à unicidade, apagando ou desautorizando todo e qualquer pensamento que alce voos além da fronteira imposta. Ainda segundo Sontag (1987, p. 16), “a interpretação torna a obra de arte maleável, dócil”, ou seja, a interpretação é moldada a partir dos olhos de quem a vê, e

É necessário compreender o olho como “a janela da alma”. O olho... pelo qual a beleza do universo é revelada à nossa contemplação, é de uma tal excelência que quem se resignasse à sua perda privar-se-ia de conhecer todas as obras da natureza com as quais a vista faz permanecer a alma contente na prisão do corpo, graças aos olhos que lhe apresentam a infinita variedade da Criação: quem os perde abandona esta alma numa obscura prisão, onde cessa toda a esperança de rever o sol, luz do universo” (PONTY, 2006, p.65)

O que queremos aqui pontuar, chamando a atenção para o pensamento de Sontag e de Ponty, é que se a “interpretação torna a obra maleável”, e é o olho o responsável por “apresentar a infinita variedade da Criação”, entendemos que é possível, sim, ter múltiplas leituras, pois a imagem é maleável, e carrega em si a infinita variedade de possibilidades. Perdendo a percepção dessa verdade se “abandona a alma numa obscura prisão”, e é o que têm feito nossos exames, aprisionam, roubam “a esperança de rever o sol, a luz do universo”, impedem que sua percepção seja a luz da sua compreensão.

É indiscutível a importância das imagens nos processos avaliativos, afinal como já foi pontuado vivemos em um mundo de imagens desde sempre, a imagem não como uma ilustração no sentido pejorativo, de mero adorno, mas como texto, como linguagem presente em nosso cotidiano, conforme salientou Santaella (2012, p.14) “desde os nossos sonhos”, afinal o sonho é uma imagem.

São placas, letreiros, cartazes, gravuras, grafites, pinturas, smartphones, desenhos, tiras, charges, fotografias, vídeos, cinema; para todos os lados somos bombardeados pela presença imponente da imagem, e dialogamos com elas, com ou sem a presença do texto verbal, logo, seria uma incongruência se não estivessem presentes também nas aferições de conhecimento, sejam avaliações ou exames.

É fato que o mundo sempre se apresentou através de imagens, mesmo o homem assim já foi descrito na tradição cristã. Afinal uma das verdades propagadas através dos tempos é que ele, o homem, é IMAGEM e semelhança de seu Criador, mas não sendo ele o próprio Criador seria uma memória, uma duplicidade, uma cópia, um simulacro, um símbolo? Inúmeros poderiam ser os questionamentos, assim como muitas poderiam ser as respostas, então como tratar a imagem dentro de um processo avaliativo? Seria possível apresentar opções fechadas para a sua compreensão? Quais caminhos seguir, a fim de ampliar as possibilidades de leitura da imagem, minimizando as chances de ir além do plausível?

COMO PROCEDER NA ELABORAÇÃO DE UMA VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM?

Primeiro se faz necessário entender o conceito de cada um dos instrumentos de aferição de aprendizagem, já que, certamente, os objetivos de uma prova ou avaliação são distintos dos chamados exames. Segundo Luckesi (2008), a maior diferença entre esses consiste no objetivo de cada um, e qual o uso se fará do resultado. As avaliações são constantemente confundidas com exames, na verdade as escolas costumam chamar de avaliação, quando na verdade estão examinando a seus alunos, tal qual ocorre nos vestibulares, concursos e mesmo no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), como o próprio nome explicita.

A avaliação é um processo onde se tem por objetivo diagnosticar competências e habilidades do aluno, pois se trata de um processo dinâmico; a avaliação é dialética, processual, inclusiva. O que se busca não é o erro, mas o processo de crescimento, o amadurecimento do aluno, entendendo que determinados conteúdo, e conhecimentos, não foram apropriados por ele, mas reconhecendo os avanços que não são medidos por notas que classificam entre bom ou ruim, quem passa ou deve ser reprovado. Para Luckesi (2008)

Toda avaliação deverá obrigatoriamente ser mediadora, formativa, dialética, dialógica, etc., ou seja, precisa cumprir seu papel de contribuir no desenvolvimento potencial do aluno, atuando na zona proximal, ou seja, entre o que o aluno já sabe fazer sem a ajuda do professor (conhecimento real) e o que ele ainda poderá conseguir (conhecimento potencial).

Já os exames possuem um caráter seletivo e excludente, seu objetivo não é reconhecer o processo, nem tomá-lo como instrumento de acompanhamento do aluno, eles visam classificar, atribuir uma nota oriunda de uma resposta certa, sem margem a leituras distintas das imputadas por quem elaborou a questão, assim, trata-se de identificar o “certo” baseado na visão e leitura do outro, com a qual o candidato não deverá discordar, sob pena de ter sua resposta zerada.

Luckesi (2008) aponta três pontos nos exames que divergem do conceito de

avaliação, são eles:

1. Os exames são pontuais, só servem para aquele momento, não avaliam o antes nem o depois.
2. São classificatórios, classificam os alunos entre reprovados, aprovados e em recuperação.
3. São seletivos, como o ENEM e os vestibulares, que selecionam os que ingressarão nas universidades e os que serão excluídos.

Tomando tais conceitos como justos e certos é necessário refletir sobre o objetivo da imagem nesse processo, e ao se tomar a decisão por uma ou outra opção, é preciso estar atento aos objetivos, e conseqüentemente à formulação das questões, sob pena de acorrentar ao candidato/aluno à resposta que expressa a visão e compreensão de mundo de quem a elaborou, a partir da tradução dos elementos ali plasmados.

A escolha por um determinado texto verbal ou imagético é uma escolha política, consciente ou não. Logo, os questionamentos e indagações que se farão deverão considerar na análise das respostas o direito do outro de entender e ver o mundo, a partir de suas próprias perspectivas, histórias, meio socioeconômico e cultural. Desconsiderar tais variantes é negar ao outro o direito de pensar e se reconhecer no mundo enquanto cidadão atuante na construção da história que se escreve no hoje.

Portanto, sabendo que a vida imita a arte, ou quem sabe seja o contrário, o fato é que diante de uma imagem estampada em uma avaliação, ou exame, para muitos é como se estivessem diante de uma obra de arte. Assim, alguns cuja sensibilidade foi tolhida, restringida, certamente captarão dessa imagem o que Panofsky (1986, p.50) chama de formas puras, que formam parte do chamado nível pré-iconográfico

É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar, como representativos de objetos naturais tais que seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos e pela percepção de algumas qualidades expressivas, como o caráter pesaroso de uma pose ou gesto, ou a atmosfera caseira e pacífica de um interior. O mundo das formas puras assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos.

Ao sermos capazes de reconhecer os aspectos factuais e expressivos de uma imagem, quer dizer, relacionar a imagem a códigos que ultrapassam a percepção apenas da forma, como por exemplo relacionar a imagem a um costume, um código pré-estabelecido, como uma placa de trânsito, ser capaz de reconhecer uma imagem (histórias e alegorias), estamos transitando pelo nível secundário ou convencional, assim descrito por Panofsky (1986, p.51)

A identificação de tais imagens, histórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por "iconografia". De fato, ao falarmos do "tema em oposição à forma", referimo-nos, principalmente, à esfera dos temas secundários

ou convencionais, ou seja, ao mundo dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, histórias e alegorias, em oposição ao campo dos temas primários ou naturais manifestados nos motivos artísticos. “Análise formal”, segundo Wölfflin, é uma análise de motivos e combinações de motivos (composições), pois, no sentido exato da palavra, uma análise formal deveria evitar expressões como “homem”, “cavalo” ou “coluna”, sem falarmos em frases como “o feio triângulo entre as pernas de Davi de Michelangelo” ou “a admirável iluminação das juntas do corpo humano”. É óbvio que uma análise iconográfica correta pressupõe uma identificação exata dos motivos.

A iconologia é um método que separa didaticamente os níveis interpretativos da imagem, porém o próprio Panofsky esclarece que esses são indissociáveis. Entretanto, é possível graduar as questões de análise de imagem, adequando-as ao objetivo e escolha do instrumento avaliativo. Outrossim, é inquestionável que o grau de percepção e aprofundamento em um texto imagético é variável, logo não há como esperar que todos façam a mesma leitura, menos ainda arbitrar que correta apenas poderá ser uma única resposta, fruto do entendimento de quem elaborou a questão, pois tal posicionamento desqualifica o outro, negando-lhe o direito de encontrar seu próprio caminho diante das variáveis apresentadas pelo texto imagético.

Existem textos verbais cuja função é objetivamente a de informar, outros a de possibilitar reflexões, deleite, motivação, indicar dados. Enfim, várias são as possibilidades, vários são os objetivos e conseqüentemente muitas serão as possíveis leituras. De igual maneira encontraremos nos textos imagéticos, mistos ou não, uma gama de possibilidades. Entendemos que o estilo, objetivo e proposta da avaliação é que serão determinantes na escolha das imagens e na elaboração das questões. Conforme Paiva (2006, p. 19), “É preciso lembrar que “a imagem não se esgota em si mesma [...] A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou objetos históricos”.

Imagens oriundas de propagandas, pelo caráter informativo e manipulador, poderão ser utilizadas em questões de múltipla escolha, já que seu campo de interpretação é mais restrito e objetivo, o mesmo ocorre com textos informativos, com placas de sinalização, ou seja, com as imagens cujo objetivo seja específico.

Imagens de cunho histórico, como fotografias, pinturas com representações históricas, tiras, charges, essas deverão ser utilizadas em questões interdisciplinares, pois abrem um leque de possibilidades, já que oferecem elementos capazes de conduzir a várias leituras, sendo, portanto, um objetivo pertinente reconhecer os conhecimentos intrínsecos do candidato/aluno, entendendo essa leitura como pertencente ao terceiro nível, assim explicado por Panofsky (1986, p. 51)

Significado intrínseco ou conteúdo: é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra.

Questões com tais características deveriam ser classificadas de fáceis, intermediárias ou difíceis, graduando-as a partir da relação entre a resposta escolhida,

ou dada, e o aprofundamento relativo a essas. Além disso, esse tipo de questão possibilita ao examinador identificar os conhecimentos transversais que compõem, ou não, o inventário pessoal de conhecimento e conteúdo do candidato/aluno.

Pinturas, fotografias artísticas, imagens de esculturas, desenhos, curta-metragem, entre outras, serão melhor aproveitadas em questões abertas, onde o avaliado poderá se expressar sem forçosamente ter que encaixar sua sensibilidade em pequenos compartimentos, ou caixas, que são as alternativas, comumente apresentadas nas avaliações ditas objetivas.

Questões que envolvam tais imagens são questões cujo objetivo deverá ser o de propiciar ao outro o desnudar-se, mostrar a profundidade de seus conhecimentos de mundo, bem como sua sensibilidade, desejo de mudança, crenças e objetivos.

Vale ressaltar que, questões dessa natureza abrem espaço para ouvir (ler) o outro, mas que também demandam do corretor uma postura aberta a aceitar a verdade do outro como tão possível e plausível quanto a sua própria verdade. É possível que, por vezes, seja necessário solicitar que a resposta seja justificada, pois os argumentos expostos certificarão, ou não, a validade das afirmações, já que a falta de consistência na defesa do que foi apresentado mostrará a fragilidade, falta de fundamentação ou lógica na análise da imagem apresentada.

Certamente, esse último tipo de questão é mais rico, já que oferece inúmeras possibilidades, tanto a quem está sendo avaliado quanto ao avaliador. Entretanto, demanda muito mais tempo para correção, e salas lotadas, com professores, na sua grande maioria, divididos entre várias escolas e turnos, tornam essa proposta muito distante e quase inexecutável.

CONCLUSÃO

Ao fim destas reflexões chegamos à certeza da presença, importância e validade do uso da imagem nos processos avaliativos. Entretanto, também ficou claro que não temos dado a essa sua verdadeira importância, muitos certamente estão lembrando de situações onde a imagem era tão somente um adorno, ou como disse Paiva, “uma forma de deixar o texto menos pesado para o leitor”. Reconhecer o valor e poder da imagem dentro do processo não apenas avaliativo, mas educacional, é fazer uso de uma ferramenta presente em nosso entorno, que dialoga conosco ainda que na forma de imagem mental.

Mas para que de fato se possa outorgar ao outro o direito de se expressar, de se reconhecer, de entender os processos e caminhos, de se comunicar como fizeram nossos ancestrais através das pinturas rupestres, é preciso entender que a imagem é um texto, aparentemente silencioso, mas que grita através de seu traço, seu volume, sua cor, sua forma e seu conteúdo, ele fala através da metáfora, dos símbolos, ele se desnuda e se expõe aos olhos que queiram vê-lo. Logo, caberá ao

avaliador criar estratégias, contextualizar a imagem, indicar as pistas e permitir que o olho não aprisione, mas liberte, que a razão não imobilize, mas seja a seta que indicará o caminho seguro para leitura, análise e interpretação da imagem.

O ato de avaliar, quando não é usado como instrumento de tortura ou limitador, poderá se constituir em um meio de acesso, inclusão, reconhecimento e aprendizado.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993

BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> Acesso em: julho.2016

BRASIL, PCN+ Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>> Acesso em: julho.2016

BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, INEP. Matriz de Referência, 2009. Disponível em<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=841&Itemid=>. Acesso em: julho.2016

Cadernos pedagógicos do centro de formação de associação de escolas dos concelhos de Ílhavo, Vagos e Oliveira do Bairro ISSN 2182-1658, 2013, materiais didáticos para educação visual

COSTA, Ivoneide de França; ALVES, Maria da Conceição Amaral. **Desenho e Imagem**. In: Desenho, concepções e teorias. Ed. Desenho Forma e Simbolismo. Feira de Santana: Bahia, 2017, p.

FERNANDES, Domingos. **A avaliação das aprendizagens**: desafios às teorias, práticas e políticas. Lisboa: Texto Editores, 2005

JOLY, Martine. **A análise da imagem**: Desafios e Métodos. In: Introdução à análise da imagem. Ed. Papyrus, 1994, p. 41-68

KERN, Maria Lúcia Bastos. **Imagem Manual: pintura e conhecimento**. In: Imagem e Conhecimento. São Paulo: Edusp, 2006, p.15-59

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Ed: Papyrus 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições/ Cipriano Carlos Luckesi, 19º ed., São Paulo, Cortez, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Lisboa, Veja, 6º ed., 2006, p. 65

PAIVA, Eduardo França. **A iconografia nas histórias - Indagações Preliminares**. In: História & Imagem, 2º ed., Belo Horizonte: Autentica, 2006, p. 17-35

PANOFSKY, E. **“Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença”**. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, 2º ed., 1986, p. 47-65

PIFANO, Raquel Quinet. **História da arte como história das imagens**: A iconologia de Erwin

Panofsky. Fênix -Revista de História e Estudos Culturais. Minas Gerais, 2010

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens**/ Lucia Santaella. São Paulo: ed. Melhoramentos, 2012
(Como eu ensino)

SONTAG, Suzan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 11-23

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

H

Homogênea 96, 183

I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-705-5

